



ANÁLISE DE GÊNERO DA PERSONAGEM PROTAGONISTA DA OBRA *AMAR, VERBO INTRANSITIVO*, DE MÁRIO DE ANDRADE

SILVA, Dânae Rasia da¹; ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares²

Resumo

O presente artigo baseia-se no Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *A Representação Feminina na obra Amar, Verbo Intransitivo, de Mário de Andrade*. Tem por objetivo identificar e analisar, brevemente, questões de gênero acerca da personagem feminina principal. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com aporte teórico acerca do movimento Modernista no Brasil, estudo da biografia do autor, e teoria que versa sobre gênero e representação da mulher.

Palavras-Chave: Literatura. Estudo. Representação feminina. Sociedade.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo a análise de algumas questões relacionadas a gênero, tendo como foco a personagem feminina central da trama, Fräulein. O problema que move a pesquisa bibliográfica situa-se na questão da subversão dos padrões sociais da sociedade do início do século XX, pela referida personagem.

A metodologia utilizada nesta pesquisa centrou-se em análise bibliográfica e abordou, em um primeiro momento, o Modernismo no Brasil, seus aspectos teóricos fundamentais e a sua relação com a obra analisada. Adiante, foi traçado um breve panorama da vida e obra de Mário de Andrade, assim como se explorou também por que a obra é classificada como um romance moderno. Ao final, focalizou-se a representação feminina no universo romanesco de *Amar, verbo intransitivo*, lançado em 1927³. Ainda, foram destacados elementos estruturantes fundamentais na compreensão da representação feminina. Para concluir, foi realizada uma análise da

¹ Licenciada em Letras – Habilitação Português/Espanhol, pela Universidade de Cruz Alta. danaerasia@hotmail.com.

² Professora Doutora em Letras da Universidade de Cruz Alta e orientadora do Trabalho de Conclusão do Curso. Coordenadora do GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagem e Comunicação ao qual está vinculado o TCC. ctavares@unicruz.edu.br.

³ Para a realização do presente estudo, é utilizada a edição de 1987.



figura feminina e a representação de gênero tão contrastante neste romance, que se centra em um caso amoroso dentro de um âmbito familiar.

Revisão de Literatura

Modernismo no Brasil

A história do Modernismo brasileiro está intimamente ligada à produção literária de Mário de Andrade. Considerado um dos prenunciadores do movimento literário, em 1922 publicou *Pauliceia desvairada*, primeiro livro de poemas desse novo período, que divulgava o uso de recursos como o verso livre e a linguagem coloquial como nova maneira de se fazer literatura no país, e acima de tudo, procura dar visão poética à cidade de São Paulo. O autor empregou a língua portuguesa tal como ela se apresentava no Brasil, com o uso de regionalismos, vocabulário riquíssimo permeado de expressões típicas tanto da classe dominante como de regiões mais distantes do país, bem como sintaxe pouco rigorosa.

Como relembra Sodré (2002) o panorama social do país apresentava elementos modernos e intrigantes, visto que a classe média urbana estava em ascensão concomitante com a consolidação das primeiras concentrações de fábricas, assim como a imigração crescia consideravelmente. Assim, rompia-se o equilíbrio de uma sociedade colonial. Isso pode ser observado em *Amar, verbo intransitivo*, que abordou o problema das influências estrangeiras na primeira fase do Modernismo. A problemática da presença da cultura alemã é abordada em todo o decorrer da obra.

No prefácio de *Amar, verbo intransitivo*, Lopez (1987) afirma que Andrade consegue unir o projeto estético que propõe ao projeto linguístico, de forma a permitir que o Modernismo literário se torne coerente e eficaz. Seus intuitos modernos permeiam toda a obra, desde a linguagem, até a escolha de uma protagonista alemã. O protagonista Carlos, um menino filho de família burguesa paulistana faz contraponto à estrangeira. Além da diferença de idade, as esferas sociais às quais pertencem os personagens os distanciam. A escolha da cidade em que ocorre a história corresponde ao lugar onde os ímpetus modernistas se mostraram mais eficazes, visto que foi em São Paulo onde ocorreram as primeiras manifestações modernistas. O nacionalismo, uma das características marcantes do movimento



revela-se tanto no espaço do romance como no ambiente social, exposto na oposição Alemanha – Brasil.

Amar, verbo intransitivo, contém crítica, teoria, psicologia, e uma gramática não regida pela norma culta. A linguagem visava a diminuir a distância entre o popular e o erudito. O autor mostra-se moderno tanto por suas incursões modernistas (classificando a obra de idílio), como por utilizar a psicologia de Freud para explicar algumas atitudes das personagens. Outro fator que situa o romance como moderno é a crítica que Mário de Andrade faz à elite paulista através da figura de Sousa Costa, dono de fábrica e criador de gado.

Portanto, pode-se afirmar que desde as críticas à sociedade brasileira da época, em especial a burguesia industrial, até a linguagem cheia de regionalismos retirados da fala do povo, Mário de Andrade atingiu o objetivo de inovar na literatura nacional e mesmo escandalizar.

Mário de Andrade: vida e obra

Filho de Carlos Augusto de Andrade e Maria Luiza Leite de Moraes Andrade, Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em 9 de outubro de 1893, em São Paulo, em uma família rica e aristocrática. Aos dezesseis anos obteve o grau de bacharel em Ciências e Letras pelo Ginásio Nossa Senhora do Carmo. Suas tendências modernistas puderam ser observadas a partir de *Pauliceia desvairada* (1922) e *Macunaíma* (1928), ficando nítida sua identificação com o novo movimento, o que lhe rendeu o título de “papa do Modernismo”.

Vítima de um ataque cardíaco, morreu em 25 de fevereiro de 1945. *Padre Jesuino do Monte Carmelo* foi publicado postumamente, em edição especial pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O líder da renovação, que marcou um ciclo da vida literária brasileira do século XX constituiu-se, acima de tudo, em um revolucionário da cultura inerte na qual se encontrava o país.



Amar, verbo intransitivo: um romance moderno

Amar, verbo intransitivo não possui capítulos, numeração de sequências ou títulos, porém, constitui-se em um romance que desenvolve o tema amor entre o herói e a heroína. Reis e Lopes (1998, p. 356) definem romance da seguinte forma:

[...] gênero narrativo, de larga projeção cultural, fruto de uma popularidade e de uma atenção por parte dos seus cultores que, sobretudo a partir do século XVIII, fez dele decerto o mais importante dos gêneros literários modernos. Particularmente talhado para modelizar em registro ficcional os conflitos, as tensões e o devir do Homem inscrito na História e na Sociedade, o romance tem revelado uma extraordinária capacidade de rejuvenescimento técnico e de renovação temática, afirmando-se como fenômeno multiforme. [...]

Numerosas características enquadram *Amar, verbo intransitivo* na estética moderna. É um romance modernista da primeira fase (1922 – 1930), repleto do sentimento de destruição que o autor tanto pregou durante a Semana de Arte Moderna. As pesquisas e as buscas de novas fontes para fazer literatura estão também presentes na obra que revela contradição até no nome, visto que amar é um verbo transitivo direto e não intransitivo.

As personagens centram-se na família Sousa Costa. O pai é Felisberto Sousa Costa, centro administrativo da casa, empresário e criador de gado, que mantém o regime patriarcalista em vigor. É ele quem contrata os serviços de Fräulein, sem o consentimento de sua esposa, Dona Laura, que obedece ao marido em nome de uma serenidade familiar.

Carlos Alberto é o filho primogênito do casal, herdeiro do sobrenome que deverá ser a projeção do pai. É ele quem centraliza o drama amoroso da narrativa ao lado da governanta. Conta com três irmãs: Maria Luiza, Laurita e Aldinha.

A personagem Fräulein (senhorita, em alemão), trinta e cinco anos, governanta da casa, forma o casal romântico da trama com Carlos Alberto, de quinze, dezesseis anos. Ela cuida da instrução das meninas, com ênfase ao ensino de piano e da língua alemã. Afirma ser uma pessoa séria, “Tenho a profissão que



uma fraqueza me permitiu exercer, nada mais nada menos. É uma profissão.” (Andrade, 1987, p. 49)⁴

O enredo centra-se na contratação de Elza (Fräulein) por Felisberto para a iniciação sexual do filho, pois teme que Carlos Alberto contraia alguma doença ou se torne um viciado por andar na companhia de prostitutas comuns. A professora de amor, como se considera, recebe como pagamento oito contos, dinheiro que a ajudará a voltar a sua terra natal, a Alemanha, onde pretende se casar com um tipo imaginado. Fräulein e Carlos apaixonam-se, contudo, o dever tem de sempre superar o prazer, visto que, após realizada sua tarefa de ensinar a Carlos as artimanhas do amor, terá de ir embora, em busca de outro cliente.

Dona Laura, ao descobrir o que Fräulein faz verdadeiramente na mansão, deseja que a professora vá embora, porém, é convencida do contrário pelo marido. Quando o contrato se aproxima do fim, o patriarca da família convencionou junto à protagonista e Dona Laura que o término da relação amorosa entre o casal deve ser tomado como uma traição por parte de Carlos. O pai arma a cena do flagrante, e consola Carlos, recorrendo a argumentos como o fato da amante ficar grávida.

Ao fim do idílio, Fräulein parte, enquanto o rapaz padece amargamente: “As imagens da saudade entulham tanto o caminho!... Varra isso daí! Tenho a pressa e a vida inteira por viver...” (M.A., p. 144). Ele recupera-se com o tempo, e torna-se homem: “O dia já lhe interessava bem mais que o passado.” (M.A., p. 145)

O espaço do romance centra-se em São Paulo, durante o início do século XX, ou seja, contemporânea a época de escrita do romance. Assim, pode-se afirmar que Mário de Andrade consegue com o tema original de *Amar, verbo intransitivo*, mesclar seu amor a São Paulo, pesquisa bibliográfica e panorama social da realidade brasileira. Apesar de ser inovadora, não faz com que o autor perca o equilíbrio de sua escrita.

⁴ N.A. Doravante todas as citações da obra em análise estarão marcadas como M.A. e as páginas onde estão localizadas. Essas informações estão inseridas em: ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. 14.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.



A representação feminina no universo romanesco de *Amar, verbo intransitivo*

O enredo do romance foi novidade por tratar de um tema exótico em linguagem arrojada, fugindo de traços padronizados e dimensões sintáticas ou léxicas. O tema do romance foi inédito para o seu tempo, em que o dinheiro era visto como solução para todos os problemas, inclusive para uma iniciação sexual segura de um menino que iria constituir um lar honrado, quando encontrasse a moça ideal.

A atitude de contratar uma profissional do amor, para realizar a iniciação sexual do filho dentro da própria casa, demonstra a hipocrisia da burguesia da época. No início, não se interessou muito pelos estudos com a nova mestra. Com a convivência, seu interesse começou a manifestar-se pela dedicação do rapaz a tudo que se relacionava a Alemanha e adquiriu o vocabulário da língua alemã rapidamente. O narrador relata, de forma muito sutil, quando Carlos se masturba pensando na governanta.

A professora e o rapaz iniciam um caso amoroso que se concretizava durante as aulas, ao mesmo tempo em que aprendia intensamente o alemão. Com o passar do tempo, começaram a encontrar-se no quarto dela.

Desse modo, o narrador mostra uma situação de hipocrisia e, através da falsa aparência de professora de piano, há uma iniciadora de sexo que revela toda a complexidade da sexualidade humana. Apesar de sua seriedade, Fräulein envolveu-se sentimentalmente, assim como o amante, que começou a amadurecer.

Cumprida a missão de ensinar o amor, era hora de Fräulein partir e ensinar outros alunos. Ela e Felisberto armaram um flagrante, pois tudo deveria acabar de forma dramática. Os amantes foram surpreendidos no quarto dela. Como parte do acordo, o pai deu uma bronca no filho, pois se ela engravidasse teriam que se casar.

O desfecho da história não apresenta surpresas. Fräulein recebeu seus oito contos e foi embora, enquanto o amante entrou em luto. A vida continuaria para Carlos, provavelmente iria seguir os passos do pai. A "mãe de amor" teria mais dois ou três alunos, para voltar à Alemanha e casar com seu tipo sonhado.

A obra tem andamento linear, e ao abordar o ritual iniciático do adolescente, revela o intuito sociológico do autor ao eleger o assunto. No início do século XX, a sociedade modificava-se devido a um surto industrial e acumulação capitalista. A burguesia, representada na família Sousa Costa, ascendia com celeridade, e



impulsionava uma agitação e patrocínio das artes. A dualidade observada neste romance onde sociologia se mistura à literatura, faz com que o romance invada a estrutura familiar da burguesia paulistana, sua moral e seus preconceitos, abordando ainda os sonhos e a adaptação dos imigrantes emergentes na desvairada Pauliceia - São Paulo.

Moisés (2001) afirma que acabado o "idílio" entre Fräulein e Carlos, o autor se vê obrigado a espichar a narrativa, motivo pelo qual insere seus comentários ao longo da obra. Para justificar essa afirmação, destaca um trecho de uma carta enviada por Mário de Andrade a Manuel Bandeira acerca do novo romance: "O livro é uma mistura incrível. Tem tudo lá dentro. Crítica, teoria, psicologia e até romance: sou eu. E eu pesquisador." (ANDRADE, 1958 *apud* MOISÉS, 2001, p. 60)

Mário de Andrade, além de ser um leitor do seu tempo, foi também da alma feminina. Criou na obra em análise, uma das personagens literárias brasileiras mais complexas, sua Elza, ou, para todos os demais, Fräulein. A trajetória da governanta, professora de piano e de amor é marcada pelo devaneio de viver na Alemanha ao lado de um homem culto e sensível, numa idealizada vida a dois. "Para ela o amor é uma pedagogia burguesa, mas é também, naquele instante, o libertar da capacidade de sentir intensamente, profundamente, do deus-encarcerado para continuar intransitiva." *Amar, verbo intransitivo* pode ser considerado um romance a favor da mulher, admitindo a autonomia de sua heroína de romance dos tempos modernos. Essa mulher sem imprevistos marcou a rotina na casa dos Sousa Costa. (LOPEZ, 1987, p. 20)

Para representá-la fisicamente, o autor a definia pelas cenas, por comparações e metáforas, ressaltando sempre a liberdade do leitor em criar a sua Fräulein. Contudo, citou características que permitem uma definição detalhada. "Se não fosse a luz excessiva, diríamos a Betsabê, de Rembrandt. Não a do banho que traz bracelete e colar, a outra, a da *Toilette*, mais magrinha, traços mais regulares." (M.A., p. 57). Ressaltou também sua sensualidade, apesar do seu corpo não ser perfeito, e não ser bonita. "O que mais atrai nela são os beijos, curtos, bastante largos, sempre encarnados" (M.A., p. 58).

Fräulein partiu de sua terra natal pela dificuldade de viver no país. Couto e Hackl (2007) explicam que, no início do século XX, a Alemanha passava por uma grande crise em virtude da derrota na Primeira Guerra Mundial. Os cidadãos



enfrentavam a hiperinflação, negociações de reparação de guerra, altíssima taxa de desemprego, e a grande depressão.

Culpa de um, culpa de outro, tornaram a vida insuportável na Alemanha. Mesmo antes de 14 a existência arrastava difícil lá, Fräulein se adaptou. Veio pro Brasil, Rio de Janeiro. Depois Curitiba onde não teve o que fazer. Rio de Janeiro. São Paulo. Agora tinha que viver com os Sousa Costa. Se adaptou. " (M.A., p. 61)

Quanto ao tipo de personagem, Moisés (1977) explica que existem duas: planas e redondas. Elza, ou Fräulein, constitui-se em uma personagem redonda, pois ostenta uma dimensão que falta as outras, além de possuir uma série complexa de qualidades e/ou defeitos. Culta, lia Schiller, Goethe, Nietzsche, Shakespeare, Shopenhauer, Heine, Racine e Romand Rolland.

Foi elaborada para denunciar a situação marginalizada da mulher em um mundo machista e, sendo autônoma, sábia e sensata estava acima da moralidade. A alemã acreditava que sua raça estava acima das outras, pois consideravam a família sempre em primeiro lugar. As mulheres gordas, claras e fecundas deviam manter-se sadias, para que homens igualmente sadios se unissem a elas. "De raça superior, como ela, Fräulein. Os negros são de raça inferior. Os índios também. Os portugueses também." (M.A., p. 63). A desconsideração da governanta com os brasileiros aparece no decorrer de toda a obra. Comentava que têm preguiça de estudar, ao contrário dela, que decorou página por página o dicionário de Michaelis antes de vir ao país. Reclamou também de não utilizarem sujeito, verbo e complemento, nessa ordem, para falar, fazendo com que ela não entendesse, muitas vezes, a conversa.

Análise da figura feminina e as configurações de gênero

Elza, ou Fräulein é vista, em *Amar*, verbo *intransitivo*, como heroína, representada numa figura singular de mulher, que é analisada do ponto de vista da psicanálise ou através das teorias de Nietzsche.

A protagonista tomou conhecimento do expressionismo alemão, e além de o definir ao longo da obra, estava ligada a ele por meio de suas ânsias internas. Lopez



(1981) afirma ser *Amar, verbo intransitivo* um romance pró-mulher, pois conquista a expressão feminina, ainda que o narrador utilize a participação com sua voz masculina como contraponto.

Dentro de uma sociedade extremamente machista, a matriarca Dona Laura, mãe de Carlos, apresenta-se como a esposa ideal, dedicada a casa, aos filhos e ao marido, de quem não exigia explicações acerca da vida profissional, revelando valores da burguesia da época. Nesse sentido, referindo-se ao âmbito familiar, Xavier (1997, p. 170) observa: “a família como motivo temático surge na literatura brasileira, praticamente, com o Modernismo. O discurso crítico dos modernistas, frequentemente desconstrói a instituição familiar burguesa.”

Elza possuía um sonho romântico, era determinada em juntar dinheiro e conseguir um marido, na Alemanha. Ela não mantinha contato com outras mulheres da casa, chegava a evitar o contato com elas, e só convivia com as meninas devido às aulas de línguas e de piano. Sua aproximação com o empregado da casa, Tanaka, ocorria por afinidade, pois eram empregados estrangeiros vivendo numa casa abastada da metrópole paulistana. A mulher prática que objetiva juntar dinheiro, contrasta com a mulher que sonha com o marido ideal. Como afirma Martins (1984) “[...] a mulher, matriz da continuidade do gênero humano, se converteu, nos tempos modernos, numa fonte de inquietudes, abrangendo a área psíquica, a social e a econômica”.

As relações sociais entre Fräulein e os demais moradores da casa denotam a desigualdade entre os sujeitos, principalmente em comparação aos homens. Um fator que agrava essa situação é a época em que se passa a narrativa. No início do século XX o patriarcalismo prevalecia, e o homem detinha o poder econômico, dando a ele toda a voz decisória no âmbito familiar.

Em sua obra *Os papéis sexuais*, Money (1981 *apud* Gonçalves, 1998) difere papéis de gênero de papéis sexuais, para analisar condutas de homens e mulheres conforme o contexto cultural. ‘Gênero’ definiria diferenças sociais e culturais baseadas na tradição, em oposição a ‘sexo’, que se refere às características biológicas, como os cromossomos e fatores hormonais.

No caso de *Amar, verbo intransitivo*, essa distinção baseada no sexo é mais nítida, visto que homem e mulher relacionam-se de forma amorosa e sexual. O dualismo também está presente no fato de ela ser uma empregada da família, paga



para exercer suas funções, enquanto ele é um jovem burguês que desfruta da posição de submissão dela.

Portanto, a análise da figura feminina não tem de ser sustentada na oposição homem – mulher, no contraponto de um pólo e outro, pois dentro de cada gênero, as diferenças são enormes, há grande pluralidade, ou seja, não há homogeneidade.

Esta heroína dos tempos modernos, ao demonstrar interesse pelo homem jovem, revelou suas várias facetas, um tanto misteriosas. O autor a criou a partir de uma ligação da mulher com a valorização da sexualidade humana, sem deixar à margem a alma e a sensualidade femininas. Lopez (1987, p. 21) analisa a complexa personagem:

[...] O projeto de vida sonhado, as reticências, são sua porta aberta para fugir do discurso masculino de opressão ostensiva, dos Sousa Costa que se impõem através de gritos quando apanhados em falta – pai e filho – do jovem machucador, dos moços que podiam tratá-la com impaciência e grosseria, do julgamento hipócrita dos chefes de família. E porta aberta para se colocar sob um poder masculino mais brando, “sem domínio”, pois a professora de amor não discute a supremacia do homem. [...]

Sua função final era formar homens, já que sentimentos não podem ser ensinados. Ela afirmava que não era uma “sem-vergonha” ou interesseira, e sua profissão era tão nobre quanto às outras. Apesar de ser comum para o povo alemão deixar os sentimentos em segundo plano, ela sofria.

A noção de gênero deve ser construída a partir da identidade do sujeito, que se constrói multifacetada, plural e elaborada em um tempo e lugar estabelecido, envolvendo a sociedade e o momento histórico. Sobre essa questão, Louro (1998, p. 28) entende que:

As identidades [...] estão continuamente se construindo e transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

Fräulein mantinha uma postura intimista e muito discreta, principalmente na esfera doméstica, onde exercia seu ofício. Perrot (2005, p. 10) aclara sobre o silêncio da mulher:



[...] o silêncio era ao mesmo tempo disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social, familiar. [...] Uma mulher conveniente não se queixa, não faz confidência, exceto, para as católicas, a seu confessor, não se entrega. O pudor é sua virtude, o silêncio, sua honra, a ponto de se tornar uma segunda natureza. A impossibilidade de falar de si mesma acaba por abolir o seu próprio ser, ou ao menos, o que se pode saber dele.

A obra oferece um panorama familiar, no qual uma estrangeira adaptou-se em uma nação completamente diversa da sua. A ânsia por regressar era grande e permanente, mas seu lado coerente a lembrava das dificuldades de se viver em um país que enfrentava grandes problemas. A fantasia de uma felicidade futura, no entanto, fazia suportar o presente.

Considerações Finais

No decorrer da narrativa, a protagonista Fräulein revela a complexidade de uma personagem feminina, que veio da Alemanha para viver no Brasil enquanto aguardava a situação política e econômica melhorar em sua terra natal. Seu ideal romântico é voltar e casar-se com um típico alemão. Apesar de ser uma iniciadora sexual de jovens garotos, não se considera prostituta, e sim “professora de amor”. O sentimento amoroso que se estabelece entre o casal faz com que ela entre em desarmonia consigo mesma, pois não quer se envolver com um aluno, e muito menos, brasileiro. Seus conflitos também estão presentes na sua relação com o empregado japonês da mansão, e na dualidade homem-do-sonho e homem-da-vida, que a deixam em um combate entre os desejos e a praticidade própria do alemão.

Torna-se importante salientar que Mário de Andrade possui uma percepção aguda, visto que soube denunciar a situação marginalizada da mulher em um mundo marcado pelo poder masculino, representado, nesse caso, na figura dos personagens homens Sousa Costa. Através da análise da personagem principal, pode-se afirmar que ela rompe com os padrões morais brasileiros da época, à medida, que mesmo considerando digna a profissão a exerce no seio de uma família.



Fräulein representa os seus conterrâneos, é uma mulher pontual, que se adapta com facilidade a terras estranhas, previsível, paciente, religiosa, idealista, forte. Afirma ser de raça superior, ainda mais quando se compara aos negros, índios, portugueses e latinos, o que evidencia preconceito de sua parte em relação às pessoas com as quais mantém contato e presta serviços.

Ela representava seu ofício, naquele ambiente e naquele tempo, de maneira irreparável, pois atingiu o objetivo de ensinar as artimanhas do amor a dois para o jovem inexperiente.

As questões de gênero na narrativa de Andrade revelam sua importância ao ampliar a visão crítica acerca da posição da mulher do início do século XX no âmbito cultural e nas esferas que constituíam a sociedade.

Referências

ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. 14. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

COUTO, Joaquim Miguel; HACKL, Gilberto. **Hjalmar Schacht e a economia alemã: 1920 – 1950**. Econ. Soc. [online]. 2007, vol. 16, n. 3, p. 311-341. ISSN 0104 – 0618.

GONÇALVES, Eliane. Pensando o gênero como categoria de análise. In: **Estudos de Gênero**. Cadernos de Área, nº 7. Goiânia: UCG, 1998.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Uma difícil conjugação. In: ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. 14. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987, p. 9 – 44.

_____. Belazarte me contou. In: ANDRADE, Mário de. **Contos de Belazarte**. 8. ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Villa Rica, 1992, p. 11–17.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MARTINS, Cyro. **A mulher na sociedade atual**. v. 29. Porto Alegre: Movimento, 1984.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. **História da literatura brasileira: modernismo**. v. 3. São Paulo: Cultrix, 2001.



XIV
Seminário
Internacional
de Educação
no Mercosul

XI Seminário
Interinstitucional

II Curso de Práticas
Socioculturais Interdisciplinares

I Encontro Estadual
de Formação de Professores
"Conhecimento & Interdisciplinaridade"

8 a 11 de maio de 2012



PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de narratologia**. 6. ed. Coimbra: Almedina, 1998.

XAVIER, Elódia. Tornar-se mulher: um árduo aprendizado. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). **Mulheres e literatura: (trans)formando identidades**. Porto Alegre: Palloti, 1997.